

O desvendamento da trajetória individual e a construção das classes trabalhadoras em *Lula e a política da astúcia*, de John French

The unveiling of the individual trajectory and the construction of the working classes in *Lula and the politics of cunning*, by John French

José Sergio Leite Lopes*

O “ENIGMA LULA” estava por merecer uma análise histórica e sociológica do tamanho de sua complexidade e de seus paradoxos: como se sabe, um menino nascido em área camponesa de grande pobreza do Nordeste, que migra com a mãe e irmãos em caminhões precários para ir viver em cortiços e favelas de Santos e de São Paulo, e que se torna líder sindical famoso, abrindo uma carreira política que o levaria à Presidência da República por três vezes. Seu próprio itinerário é um enigma denso. Chovem interpretações falaciosas do “gênio” (ou da “sorte”) que explicaria tudo. Uma análise feita com base nos instrumentos da história e das ciências sociais permitiria revisitar o “carisma” de que se torna possuidor.

Pois este é o caso do livro *Lula e a política da astúcia; de metalúrgico a presidente do Brasil*, de John French,¹ resultado de pelo menos 20 anos de pesquisa, que se situa entre a biografia individual e a história da classe social: trata-se de uma grandiosa aula de historiografia do tempo presente.²

Como o título já sugere, o livro se utiliza da “abordagem biográfica” (p. 27).³ Este procedimento já vinha sendo praticado por French desde sua pesquisa para a tese de

* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: jsergiollopes@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3524-5748>.

1 Tradução de **Lula and his politics of cunning**: From Metalworker to President of Brazil. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2020. Agradeço aos profícuos comentários de Afrânio Garcia Jr. em nossas conversas ao longo da sua leitura simultânea do livro.

2 Já existe uma ótima resenha do livro, ainda sob sua versão original em inglês, em: QUEIRÓZ, Marcos; ZAPPELINI, Thaís; BATISTA, Waleska. De metalúrgico a presidente: o Brasil visto a partir da biografia de Lula. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 42, n. 90, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472022v42n90-20>.

3 A citação de páginas, sem referência a autor ou obra, se refere à edição brasileira do livro aqui em questão: FRENCH, John D. **Lula e a política da astúcia**: de metalúrgico a presidente do Brasil. Trad. Lia Machado Fortes. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2022. 687 p.

doutorado, quando entrevistou o líder sindical Marcos Andreotti (1910-1984), em 1982, por longas 56 horas, durante 4 meses. Algumas informações e interpretações contidas nas entrevistas e analisadas posteriormente serviram de imediato para a tese e o livro *O ABC dos trabalhadores*,⁴ mas a riqueza do material biográfico de Andreotti foi posteriormente focalizado e desenvolvido no artigo “Como os não tão fracos prevalecem...” (2010, ed. original; 2011, publicação brasileira).⁵ Neste artigo, a retomada analítica de tal material biográfico usou como mote o texto de Marco Aurélio Garcia, “O Gênero da Militância...”,⁶ onde a recomendação da análise indispensável da militância como fundamento para o projeto de uma história da esquerda proporcionaria uma atenção ao fato de que [os/as militantes] são “pessoas específicas, homens e mulheres, portadores de valores éticos, convicções políticas e influências religiosas” (Garcia, citado por French) derivados de sua história familiar, educacional e cultural (como French finaliza a citação de Garcia). No texto “Epílogo: rumo a uma virada biográfica”, que finaliza o *Lula e a política da astúcia*, logo após a sua “Conclusão”, French procura alicerçar sua abordagem biográfica numa sucinta discussão com base numa bibliografia escolhida entre historiadores e cientistas sociais sobre o debate do assunto, retomando considerações anteriores feitas no artigo “História Social e estudo dos Grandes Homens?”.⁷

French foi atraído para uma abordagem biográfica ao longo dos anos. Ele chegou ao Brasil em 1980, para levar a cabo seu projeto de tese sobre o movimento operário nos municípios na área metropolitana de São Paulo, o ABC paulista, onde mais concentradas vinham se localizando as grandes empresas industriais em torno de um polo automobilístico: seu estudo visava estudar a gênese do movimento sindical nessa área entre os anos 1900 e 1950. Mas, no momento mesmo em que desembarcou, em 1980, havia chegado ao apogeu um ciclo de greves iniciado em 1978 em São Bernardo e que havia se espalhado para toda a Grande São Paulo e, no ano seguinte, para grande parte do Brasil. Diante do fato que testemunhava diretamente o período aberto pela dramática greve de 1980, em São Bernardo, havia que ter força de vontade para ater seu estudo projetado até o limite temporal do início dos anos 1950, sobre os conflitos e alianças de classe centrados nos operários do ABC. Com o término de seu doutorado, em 1985, ele estava livre para estender seu estudo sobre os conflitos ao período seguinte. As condições reunidas para

4 FRENCH, John. **O ABC dos trabalhadores**: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950. São Paulo: Editora Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1997.

5 FRENCH, John D. How the Not-So-Powerless Prevail: Industrial Labor Market Demand and the Contours of Militancy in Mid-Twentieth-Century, São Paulo, Brazil. **Hispanic American Historical Review** *Hispanic*, 90, 1, p. 109-142, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/00182168-2009-092>. FRENCH, John D. Como os não tão fracos prevalecem: a demanda no mercado de trabalho industrial e os contornos da militância na São Paulo de meados do século xx, São Paulo, Brasil. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 18. n. 30, primeiro semestre de 2011.

6 GARCIA, Marco Aurélio. The Gender of Militancy: Notes on the Possibilities of a Different History of Political Action. In: DAVIDOFF, Leonore; McCLELLAND, Keith; VARIKAS, Eleni (ed.). **Gender and History**: Retrospect and Prospect. Oxford: Blackwell, 1999.

7 FRENCH, John D. História Social e estudo dos Grandes Homens? Social History and the Study of “Great Men”? The *Hispanic American Historical Review*, William Spence Robertson (1872-1956), and the Disciplinary Debate about Biography. **Anuário Colombiano de História social y Cultural**, v. 40, suplemento n. 1, p. 99-138, 2013.

isto se deram em meados da década posterior, quando French poderia conceber seu plano original de uma monografia de história do trabalho, em 1995 e 1996, sobre “Os metalúrgicos do ABC, 1950-1980”.⁸ Durante os 15 anos que separam tal projeto, assim intitulado, do outro, anunciado em 2010 no seu artigo “How the not-so powerless prevail...”,⁹ baseado no material biográfico de Andreotti, a decisão é tomada de passar do estudo do conjunto do grupo social metalúrgico para o indivíduo que os representava.

Sua constatação da subestimação da encarnação da liderança do grupo metalúrgico no indivíduo específico Lula começou a partir de sua observação do procedimento de reificação do coletivo como sujeito da ação por parte dos analistas sociológicos e históricos das mobilizações sindicais no ABC. Tal reificação postulava a crescente identificação entre trabalhadores da base e suas lideranças sindicais, no caso de São Bernardo, sempre priorizando, como sujeito nas análises, os coletivos. Mas como assinala French, “uma formulação mais precisa, entretanto, é que os trabalhadores primeiramente se identificaram com Lula e posteriormente transferiram essa identificação, em parte, para o coletivo de líderes sindicais que ele chefiava e apenas mais tarde para o sindicato como instituição” (p. 36). Longe de desprezar a literatura existente, com sua pertinente “ênfase em estruturas, instituições e comportamento coletivo”, o autor do livro argumenta que “está na hora de adotar um novo e ambicioso foco de pesquisa: as especificidades biográficas da liderança de Lula como uma ilustração de como amplas estruturas sociais e processos históricos se cruzam com a ação humana e a praxis política” (p. 37).

Para levar a cabo tal empreendimento biográfico, French foi acumulando ao longo dos anos (desde os anos 80) um material enorme, quase exaustivo, tanto sobre as instituições, os coletivos e os processos sociais em torno da industrialização de São Paulo e do ABC quanto do próprio projeto de biografia de Lula. Ele soube para isto coletar, selecionar, articular e analisar uma teia pertinente de informações, tanto para a compreensão da biografia de Lula quanto do contexto social e político em que este indivíduo está inserido e em que vai construindo sua trajetória.

Para se avaliar a extensão impressionante de informações pertinentes trabalhadas basta mencionar que seu “radar” historiográfico de fontes vai desde a recuperação exaustiva de estudos acadêmicos até romances de jornalistas do meio sindical e produções ficcionais de ex-metalúrgicos, passando por fontes como os arquivos universitários onde estão guardadas anotações de Robert Alexander (especialista norte-americano em relações industriais) sobre sua visita à escola técnica Roberto Simonsen em São Paulo, anotações de pós-graduandos estado-unidenses a ele cedidas, material diplomático, estudo desconhecido de grupo focal metalúrgico por Paul Singer, em 1970, fichas dos serviços de informações da

8 FRENCH, op. cit., 2022, “Agradecimentos”, p. 13.

9 FRENCH, op. cit., 2010, p. 141, nota 102: “See my forthcoming book entitled *Lula’s Policy of Cunning: from trade unionism to the Brazilian Presidency*”. Tal anúncio em nota de rodapé não está presente no artigo: FRENCH, op. cit., 2011.

ditadura, material institucional e interpretativo sobre as escolas técnicas, o *Dicionário Lula*, de Ali Kamel, entre outros.¹⁰

Ao navegar por todo esse imenso material, French se utiliza de estratégias analíticas que produzem narrativas gratificantes e resultados significativos, como é o caso da utilização de oposições binárias esclarecedoras sucessivas. Uma primeira delas aparece na analogia entre uma *intelligentsia* da classe trabalhadora, constituída por uma minoria de macacão ou colarinho azul tecnicamente qualificada, e os “jovens ambiciosos que frequentavam a Universidade de São Paulo (USP) à época” (p. 31), apontando assim para uma circulação de saberes entre diferentes grupos sociais que ora se afastavam, ora se aproximavam, e nem sempre de forma intencional.¹¹ O autor vai por um lado salienta a importância estratégica dos trabalhadores qualificados para o conjunto do movimento operário, e a não menos importante contribuição constituída pelas escolas técnicas, como o Senai, montadas por um setor do empresariado de maior visão de longo prazo. Assim, logo no início do capítulo 3 (às páginas 107/108), French volta à oposição trabalhadores qualificados e universitários da USP, através da comparação analógica entre o Senai e o Cesit (Centro de Estudos Industriais e do Trabalho) ligado à cadeira 1 da Sociologia da USP (cujo catedrático, até 1969, era Florestan Fernandes). Assim, o autor reconstitui a importância da construção da “pedagogia integral” do Senai para os então raros trabalhadores qualificados necessários à industrialização, assim como a importância dos sociólogos da USP que forneciam uma massa crítica de estudos para a compreensão do que se passava entre os anos 50 e 70, e que são particularmente valorizados por French para a montagem do espaço social em que se movia a trajetória de Lula. Assim, ele se utiliza intensamente de Luiz Pereira cujos estudos lhe fornecem um quadro fidedigno da formação escolar de Lula (a escola estudada por Pereira se localizava proximamente ao bairro Vila Carioca em que Lula morava) e o significado de sua qualificação no Senai como torneiro mecânico.

French se utiliza dos resultados da pesquisa de Luiz Pereira através do seu livro *Trabalho e desenvolvimento* (1965), primeira monografia do Cesit, em que a questão da qualificação do trabalho é posta em evidência, assim como seus trabalhos sobre escola primária e magistério na periferia metropolitana. Essa reapropriação minuciosa da obra de Luiz Pereira chama atenção na medida da impressão de uma evidencição comparativamente menor de sua presença nas bibliografias das gerações posteriores (relativamente a seus colegas de geração), possivelmente afetada pela menor longevidade

10 Tive a honra de ser detectado por seu “radar” em livros e textos anteriores dele – FRENCH, John D. **Drowning in Laws**. Labor laws and Brazilian Political Culture. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004, p. 98-99, p. 117, e em entrevista, juntamente com Daniel James, aos seus parceiros de longa data, historiadores mais jovens, em: FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da; COSTA, Hélio da; FONTES, Paulo. **Na luta por direitos**. Estudos Recentes em História Social do Trabalho. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 189-195 – onde foi buscar dados de pesquisa em trabalhos meus.

11 As referências ao contraste entre os trabalhadores qualificados via Senai e os universitários da USP seriam os futuros presidentes da República, o sociólogo uspiano Fernando Henrique Cardoso (1994/2002) e o torneiro mecânico Luiz Inácio Lula da Silva (2003/2010; 2023/...). (pp. 31-32)

deste autor (1933-1985), e das circunstâncias do seu encargo de reestruturação do Departamento de Sociologia da USP após os desfalques decorrentes das punições de Florestan Fernandes e vários de seus colaboradores.¹²

Caberiam aqui algumas considerações sobre a apropriação minuciosa e pertinente feita por French dos trabalhos dos discípulos de Florestan Fernandes, e mais geralmente dos sociólogos da USP. Luiz Pereira é o mais citado, percorrendo grande extensão do livro,¹³ seguido por Eunice Durham,¹⁴ Heloísa de Souza Martins (citações em sete páginas), José de Souza Martins (citações em seis páginas), além de um uso relativo menor de Juarez Brandão Lopes, Leôncio M. Rodrigues e Francisco Weffort.

Como explicitado na atenção maior que dá ao Cesit, pertencente à cadeira 1 da Sociologia, French usa mais os autores ligados a Florestan Fernandes do que os autores na órbita da cadeira 2, à exceção de Heloísa Martins, que foi orientada no mestrado e no doutorado por Azis Simão, autor do clássico *Sindicato e Estado*.¹⁵ Outro pesquisador que teve o apoio de Azis Simão foi José Albertino Rodrigues, formado, como Florestan e Brandão Lopes, na Escola de Sociologia e Política; e assistente, como Fernando Henrique Cardoso, da cadeira de História Econômica da USP. Por desacordo com a chefia da cátedra de História Econômica, trocou sua iniciante carreira de universitário pela de primeiro diretor-técnico do Dieese, em 1956, quando esta entidade intersindical tinha sido recém-fundada e devido aos contatos políticos e o apoio que tinha Albertino com sindicalistas próximos ao PCB. Azis Simão, além de fazer frequentes palestras nos sindicatos de trabalhadores sobre seus resultados de pesquisa, indicou Heloísa Martins para ser assistente de Albertino no Dieese; e esta sucedeu-o como diretora-técnica em 1966, quando da ida de Albertino para fazer seu doutorado na França.¹⁶

A Sociologia da USP estava inserida numa circulação de ideias decorrentes de pesquisas interinstitucionais da época, notadamente com o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação que financiou as pesquisas de Juarez Brandão Lopes, Eunice Durham, Luiz Pereira, assim como, também, em outra pesquisa sobre sindicalismo, no caso a de José Albertino Rodrigues, com o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais da Unesco.

12 CASTRO, Conrado Pires. Luiz Pereira e suas circunstâncias; entrevista com José de Souza Martins. **Tempo Social**, v. 22, n. 1, p. 211-276, 2010.

13 Na falta de um índice remissivo por autores, pude contar 32 páginas do livro em que há 96 referências a Luiz Pereira, desde a p. 98 até a p. 621, percorrendo em especial as partes 1 e 2 (“Origens e Raízes” e “De Luiz Inácio a Lula”), e com citação na conclusão do livro.

14 As citações desta autora (20 em 9 páginas) se concentram na primeira parte do livro “Origens e Raízes”, servindo de apoio com informações e análises sobre famílias camponesas e seu processo migratório para São Paulo (citações entre as páginas 77 e 98, no capítulo 2, “Além do Pau de Arara”); e citações à p. 486 (no capítulo 14, “O Nascimento do Carisma de Lula”).

15 SIMÃO, Azis. **Sindicato e Estado**; suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Hucitec Editora, 2012 (1ª ed. São Paulo: Dominus Editora, 1966).

16 Ver LEITE LOPES, J. S.; PESSANHA, Elina; RAMALHO, José Ricardo. Esboço de uma história social da primeira geração de sociólogos do trabalho e dos trabalhadores no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 115-129, jan.-mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000100008>. Nas nossas entrevistas com sociólogos do trabalho pioneiros Luiz Pereira foi uma lacuna.

Juarez Brandão, Eunice Durham e Luiz Pereira participaram do Programa de Pesquisas em Cidades-Laboratório do CBPE e do Programa de Pesquisa sobre os Processos de Urbanização e Industrialização, coordenados por Darcy Ribeiro no final dos anos 50; enquanto Brandão Lopes pesquisou em duas cidades médias mineiras vizinhas dominadas por fábricas têxteis com diferentes formas de gestão; e Eunice Durham estudou processos de migração rural/urbano; Luiz Pereira efetuou sua pesquisa sobre um tema diretamente educacional como o do magistério primário em São Paulo, em continuidade à sua monografia anterior sobre uma escola em um bairro periférico na área metropolitana de São Paulo. Quando realizou suas entrevistas, em 1963, com operários para a pesquisa que redundaria no livro *Trabalho e desenvolvimento*, teve financiamento do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, ligado ao INEP/MEC.

Já o prefácio de Manuel Diegues Jr., diretor do CLAPCS/Unesco, ao livro *Sindicato e desenvolvimento no Brasil* indica como esse projeto de José Albertino havia sido incluído no plano de trabalho do Centro, e, portanto, financiado como um modelo a ser estimulado e estendido para estudos similares em outros países da América Latina, e foi publicado na coleção “Corpo e Alma do Brasil”, dirigida por Fernando Henrique Cardoso na Editora Difusão Europeia do Livro.¹⁷

Através do uso desses estudos de pesquisadores que gravitavam em torno da USP, o fato de que French tenha destacado as pesquisas de Luiz Pereira tem seu mérito estratégico em vista do interesse pertinente e original que tinha em destacar, na trajetória de Lula, a importância de sua inserção escolar e no ensino técnico.¹⁸

Quanto ao acesso à biografia de Lula, French soube dispor de uma fonte como que “primária”, de grande importância através das entrevistas de história oral do próprio Lula, e de seus irmãos vivos: “Nosso entendimento sobre as origens de Lula foi influenciado decisivamente pela pesquisa da historiadora e jornalista Denise Paraná” (p. 55). Aqui o polo USP reaparece em período posterior, mais de 20 anos depois das pesquisas dos “jovens ambiciosos” na Sociologia (p. 31). Enquanto os resultados das pesquisas desses sociólogos são resgatados por French para recompor (juntamente com outras fontes) o espaço social em que estão situados Lula, sua família e os metalúrgicos do ABC, por outro lado o autor se apropria dos testemunhos de Lula e de seus irmãos sistematizados pela história oral praticada por Paraná em sua tese e suas publicações subsequentes.¹⁹ O fato da conjugação

17 RODRIGUES, José Albertino. **Sindicato e desenvolvimento no Brasil**. São Paulo: Editora Difusão Europeia do Livro, 1968.

18 Uma contribuição importante no domínio da qualificação como categoria de autopercepção dos operários metalúrgicos do ABC é a de TOMIZAKI, Kimi. **Ser metalúrgico no ABC**. Transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores. Campinas: Unicamp/CMU-Publicações; Editora Arte Escrita, 2007. p. 115-132. Tomizaki faz também a análise das dificuldades de transmissão da qualificação e do conjunto da cultura operária entre as gerações (op. cit., 2007, cap. 2; e TOMIZAKI, Kimi. Deux générations de syndicalistes au Brésil: pratiques quotidiennes et formation politique. **Actes de la recherche en sciences Sociales**, v. 196-197, Issue 1, p. 102-113, 2013).

19 A tese em História Econômica da USP, defendida em 1995, “Da cultura da pobreza à cultura da transformação: a história de Luiz Inácio Lula da Silva e sua família” (717 p. em 2 volumes; não digitalizada), se transformou no livro *Lula, o filho do Brasil*, com uma 1ª edição em 1996 e uma 2ª edição em 2002, ampliada de entrevistas

entre, por um lado, a confiança entre a pesquisadora e Lula e seus familiares devido à sua participação anterior na assessoria à campanha presidencial de 1989, e, por outro lado, a sua inserção no doutoramento de História da USP, proporcionou um registro autobiográfico referencial da família Silva através da história oral.²⁰

Assim, o livro tem nas entrevistas coletadas por Paraná sua sustentação principal quanto aos dados biográficos de Lula e de sua família durante a maior parte de seus capítulos, dados estes cotejados com outras biografias e entrevistas. Todas elas são submetidas a uma análise prévia de suas particularidades sobretudo na subparte “As mentiras biográficas e tentações emblemáticas” do capítulo 1 (p. 54-68).

Uma outra das oposições binárias significativas de que se utiliza o autor, é a que se constitui entre Lula e seu irmão Frei Chico, imediatamente mais velho à sua posição de caçula dentre sete irmãos.²¹ Tal oposição é explorada pelo autor no capítulo 4, “Um Conto de Dois Irmãos”, com consequências em capítulos seguintes: os contrastes entre o soldador e o torneiro mecânico com curso no Senai que ilustram a diferenciação interna mesmo entre trabalhadores qualificados; o “rebelde” e o “bom moço”; o “comunista” e o “independente”, que servem de mote para que French possa analisar a vida sindical realmente existente naqueles anos.

De fato, Frei Chico está na origem da improvável entrada do “bom moço” Lula no sindicalismo: o lugar de Frei Chico na chapa que se constituiu no final de 1968 para disputar as eleições no sindicato de São Bernardo não poderia ser-lhe destinada pelo fato de que outro colega mais velho da empresa em que trabalhava já tinha seu lugar prometido, e esta fábrica considerada pequena pelo seu número de empregados não comportaria outra vaga. Pelo merecimento da militância sindical de base de Frei Chico, reconhecida ao longo dos anos, sua indicação do irmão caçula para substituí-lo tinha o poder para ser aceita, além disso porque tal novato era torneiro da Indústria Villares, grande empresa cujos candidatos a representantes sindicais eram cobiçados por qualquer chapa a ser formada. Com isto French vai fazendo seus leitores entrarem, pelos olhos do novato Lula, no mal conhecido mundo do cotidiano sindical: as práticas e rituais das composições periódicas de chapas eleitorais, as disputas de oratória nas assembleias e reuniões sindicais, a burocracia de atendimento aos associados na parte jurídica e assistencial, o jornalismo sindical.

com a esposa Mariza e o amigo de infância e cunhado do primeiro casamento. PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. Ed. revista. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

20 O trabalho empírico com a família Silva foi inspirado na obra *Os filhos de Sanchez*, do antropólogo Oscar Lewis. Após os decisivos 15 capítulos onde as histórias de vida são organizadas e narradas, os capítulos finais de discussão com a literatura retomam a noção de “cultura da pobreza” de Lewis e a contrapõe a uma “cultura da transformação”, por ela formulada com base nas entrevistas e em autores contemporâneos que podem ser representados pela tese e livro de SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**; experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Eder Sader fora jovem auxiliar de ensino de Azis Simão na Sociologia, e o teve por orientador de tese quando do seu retorno do exílio.

21 Como se sabe, Frei Chico é um apelido lançado por colegas de chão de fábrica em relação a José Ferreira da Silva, e que “pegou”, devido à coroa característica de sua calvície precoce.

A propósito, French nos apresenta aos romances e textos do jornalista sindical veterano Felix Nunes, egresso da imprensa comunista do pré-64 e criador nos anos 70 do conhecido “João Ferrador”: um de seus personagens no romance *Além da greve*, o novato sindicalista Vandelício dá margem, através de suas aventuras, a mais uma comparação binária esclarecedora com a experiência do novato Lula. Aqui aparece a hesitação dos trabalhadores comuns (com a contribuição dos temores de suas esposas e companheiras)²² nos primeiros passos dados em direção à sua associação sindical, entre o perigo da generalizada estigmatização e suas consequências, por um lado, e o vislumbre das oportunidades oferecidas por uma carreira que poderia assegurar uma liberação dos percalços extenuantes e inseguros do trabalho fabril, e, no limite, proporcionar poder administrativo e eventualmente político. É o que French vai designar de “espectro da oportunidade” (p. 187, 192), entre o sub-“espectro do pelego” (p. 193) e o ideal dos “verdadeiros sindicalistas”, “líderes sindicais honestos” (p. 197), segundo as reflexões privilegiadas de Andreotti nas suas extensas horas de entrevistas ao autor (e que servem de *feedback* para a compreensão por French do mundo sindical, “arma secreta” do autor por ter estudado os operários do ABC do período anterior aos anos 60).

No início de 1969, Lula foi empossado como suplente do Conselho Fiscal do sindicato, cargo que não lhe dava o direito de ficar liberado do trabalho para estar no sindicato em tempo integral, mas assegurava a sua estabilidade na empresa e um início de reconhecimento entre seus colegas de fábrica. Segundo o relato de Frei Chico,²³ dois anos depois, em 1971, o presidente do sindicato Paulo Vidal, cuja especificidade de atuação sindical é esclarecida no livro, teria solicitado à empresa Villares a liberação do trabalho fabril de seu suplente de diretor para trazer Lula para dentro do sindicato em tempo integral, com a intenção de atrair tanto Lula quanto Frei Chico — conhecido elo com a oposição sindical — para o seu lado nas disputas internas.²⁴ De qualquer forma, desde abril de 1972 Lula então penetra plenamente nesse “espaço público da classe trabalhadora” (p. 289) que é a institucionalidade sindical, apesar de todos os percalços de sua estrutura histórica e da conjuntura repressiva, e torna-se aprendiz aplicado do mundo sindical que há poucos anos via com maus olhos. A posição singular ocupada por Lula nas disputas sindicais, entre seu parentesco com o rebelde militante de base, sua boa relação com as oposições sindicais, por um lado, e sua relação de aprendiz com o empreendedor e sagaz situacionista Vidal,

22 Que aparece nitidamente nas entrevistas no ambiente doméstico do filme *Peões* (2004), de Eduardo Coutinho.

23 PARANÁ, op. cit., p. 156.

24 Lula nega a veracidade da informação fornecida por Frei Chico sobre o pedido de Paulo Vidal em 1971 para que a empresa Villares o liberasse para atividades de tempo integral, mesmo sendo ele suplente da diretoria, antecipando sua permanência exclusiva na entidade para pouco antes de sua titularização quando da chapa formada para as eleições de 1972. Lula sustenta que só quando eleito na chapa de 1972, no mês de abril daquele ano, é que teria iniciado seu tempo integral no sindicato (ver PARANÁ, op. cit., p. 112 e 113). De qualquer forma a presença de Vidal (junto com outras duas lideranças) no convencimento para que o novato Lula se associasse, desde 1969, além de sua presença tanto na cerimônia do primeiro casamento de Lula quanto no enterro de sua primeira esposa, revelavam o tamanho da aposta no irmão caçula de Frei Chico pela antevisão de sua possível importância futura.

por outro, vai contribuir gradativamente para uma posição de independência objetiva, e, nos anos seguintes, de centro de uma configuração de diferenças no espectro sindical, como que numa simpática astúcia posicional inconsciente. Assim, desde 1972, Lula aceita a função que lhe é designada e se torna um diretor que ocupa e valoriza departamentos assistenciais considerados menos importantes politicamente (mas valorizados pelos associados) como o de previdência social, frequenta muitos cursos de formação sindical, além de ser designado ele próprio o supervisor do Centro Educacional Tiradentes, escola de formação técnica e ensino médio oferecida pelo sindicato aos associados desde 1973 — atributos que tornavam Lula uma figura ao mesmo tempo popular e com conhecimentos técnicos necessários à administração sindical. Quando se torna o presidente do sindicato, em 1975, a entidade já tinha iniciado uma lógica de institucionalização que fornecia uma base importante a ser dinamizada pela sua nova diretoria — desde o prédio resultante do chamado “complexo do edifício”, que acometia os presidentes de sindicatos com receitas importantes, inaugurado em fins de 1973; o jornal *Tribuna Metalúrgica* com a busca de uma linguagem favorável à leitura pelos trabalhadores; a iniciativa de eventos como o primeiro congresso do SMSBCD em 74; até a assessoria jurídica fortalecida e a novidade da assessoria socioeconômica do Dieese *in loco*. Tudo isso já numa conjuntura de crescente mobilização da sociedade civil, como o sucesso da campanha pela reposição salarial de 1977, quando da publicização da trucagem dos índices de inflação três anos antes, cometida pelo governo, e que prenunciava as mobilizações grevistas iniciadas nos últimos dois anos da década de 70.²⁵

Assim, através do domínio das fontes e da forma minuciosa como o autor as explora, o livro nos proporciona resultados analíticos que de fato contemplam as intenções inovadoras pretendidas por French, em sua análise das experiências dos sindicatos como espaços dinâmicos, necessariamente plurais, sempre mais do que suas formas institucionais burocráticas, e politicamente estratégicos.²⁶ É nessa experiência minuciosa de pesquisa que French pôde perceber a importância da astúcia de classe praticada nos sindicatos, desde sempre como arma dos fracos diante das relações de dominação e mais ainda nas

25 O acompanhamento minucioso da relação de antagonismo entre o Sindicato de São Bernardo e a Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, no âmbito estadual, que cresce desde 1975, ano a ano, é analisada no excelente trabalho significativamente intitulado de *O resgate da dignidade* (ABRAMO, Laís. **O resgate da dignidade**. Greve metalúrgica e subjetividade operária. Campinas: Editora da Unicamp, 1999). Já o período de intervenções sindicais pós-golpe é bem estudado por Antônio Negro (**Linhas de montagem**: o industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores. São Paulo: Boitempo, 2004, capítulos 6 e 7), que elucida esse período no sindicalismo dos metalúrgicos do ABC e de São Paulo, tendo trabalhado com fontes do setor de acompanhamento trabalhista e sindical dos consulados dos Estados Unidos no Brasil (ver também CORRÊA, Larissa. **Disseram que voltei americanizado**: relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar. Campinas: Editora da Unicamp, 2017).

26 A etnografia histórica praticada no livro segue com sucesso essas intenções enunciadas pelo autor: “Precisamos de um entendimento mais profundo sobre o sindicato como um espaço social de vidas vividas ao máximo, de diversão, de humor e de prazer, assim como de determinação, de sofrimento e de luta. Precisamos de um entendimento diferenciado e individualizado dos agentes humanos que adentraram e contribuíram para o sindicalismo como uma instituição jurídica e burocrática, constituída por um aglomerado de conexões e com o potencial de se tornar um movimento social.” (p. 182).

conjunturas repressivas impostas pelos militares depois do golpe de 1964, e com o reforço do AI-5 desde 1969.²⁷ O autor nos adverte, no entanto, apesar de sua ênfase nas qualidades transformadoras, que tem a astúcia, que esta arma dissimulada também pode ser usada mais comumente de forma individualista na concorrência interindividual entre trabalhadores (p. 282/283), tanto na esfera do trabalho quanto em facetas do “espectro da oportunidade” que proporcionavam os sindicatos, onde as ambições individuais também se manifestavam. Apesar disso, a “política da astúcia” que aparece no título do livro, que pode levar o leitor à ideia da prática da astúcia no pequeno mundo da política institucional, por exemplo na tradição das “raposas políticas”, em que Tancredo Neves ou políticos profissionais de diferentes posições ideológicas se destacavam, mostra ao contrário, no decorrer da leitura do texto, que a referida política sutil se lastreava na sabedoria longamente adquirida da astúcia dos de baixo no contexto de sua confrontação com as formas de dominação a que estão submetidos. A construção analítica dessa astúcia subalterna coletivamente enraizada, cujo uso com maestria estaria nas origens do sucesso de Lula como dirigente sindical e depois como político e presidente da República é assim um dos pontos fortes do livro.²⁸

A astúcia estrutural de Lula estaria na sua posição de caçula, repetida ao longo da vida, quando capta a soma da energia que lhe é investida sucessivamente pela família (a começar por sua mãe, dona Lindu), pelos colegas de trabalho e de sindicato, e, em particular, pelo seu irmão imediatamente mais velho, Frei Chico, em situações politicamente decisivas. Tais situações são primeiramente a indicação de Lula para entrar na direção do sindicato em seu lugar (em 1968/69), e depois pelo fato de ter sido preso e torturado em 1975, situação que provoca uma ferida política em Lula que o dota de maior clarividência carnal a respeito da natureza da ditadura militar.

Não parece ser à toa que o herói da astúcia e esperteza do folclore brasileiro, Pedro Malasartes, tenha por episódio de origem sua vingança, como caçula, sobre o fazendeiro que foi patrão de seu irmão mais velho, João, e que havia lhe “tirado o couro” como resultado de uma situação de exploração no trabalho. O fazendeiro, definido como “rico e velhaco”, fazia contratos impossíveis de serem cumpridos pelos trabalhadores. O contrato submetido a João tinha por cláusulas: (a) o empregado não podia enjeitar serviço; e (b) nenhum dos dois, patrão ou trabalhador, poderiam ficar zangados. Caso desobedecidas, um deles, patrão ou trabalhador, perderia uma tira de couro do pescoço até o fim das

27 “Incapazes de evitar as intervenções governamentais, os militantes da classe trabalhadora recorreram à calma, à garra e à astúcia que tinham sempre possibilitado a sua sobrevivência a longo prazo. No centro da injustiça sistêmica, a única estratégia viável era contornar aquilo que não poderia, no momento, ser mudado. Assim, os militantes preparariam um retorno a ações mais agressivas uma vez que a atmosfera política se tornasse mais favorável, um objetivo para o qual o seu ativismo também contribuía.” (p. 184).

28 As micro resistências astuciosas que se expressam nos confrontos dissimulados entre trabalhadores e a administração de empresas, mais geralmente na figura de suas chefias imediatas nos contextos de chão de fábrica ou de unidade agroindustrial, têm sua descrição registrada em muitos estudos nas “ciências do trabalho”, como, mais proximamente de minha experiência de pesquisa, em Palmeira (1974, republicado em 2019), Sigaud (1986, também republicado em 2019) e Leite Lopes (1988, cap. 2). French reforça apropriadamente sua argumentação com autores como Michel de Certeau e James Scott que haviam explorado analiticamente situações de “poder dos fracos”.

costas. Isto ocorre com João, tido como “trabalhador e honesto”, que depois de quase um ano de trabalho volta para casa sem salário e sem o couro das costas. Pedro fica furioso e sai para vingar o irmão, oferecendo-se para trabalhar na fazenda. No primeiro dia Pedro é enviado para colher milho e só pode sair da tarefa quando uma cachorrinha, enviada para lhe acompanhar, voltasse para casa. Pedro, vendo que a cachorra nem se mexe, dá-lhe uma paulada e ela foge para casa, encerrando assim a jornada de trabalho. O patrão, zangado, não podia assim aparentar, devido ao contrato. No segundo dia, o patrão manda Pedro limpar a roça de mandioca e ele o faz literalmente, arrancando todas as raízes. Assim Pedro leva ao limite o cumprimento reinterpreto das ordens que sucessivamente recebe, sempre em prejuízo do patrão. Depois de mais uma série de episódios equivalentes, o patrão finalmente planeja matá-lo, ao dizer que um ladrão estava rondando a casa, e ordenando a Pedro a vigilância noturna do curral. Este, antevendo o atentado, vai dizer à mulher do fazendeiro que o patrão está chamando-a para ir ao curral. Na escuridão, o patrão mata a mulher por engano no lugar de Pedro, e este só não o denuncia como assassino à polícia em troca de importante soma em dinheiro, o que finaliza sua permanência na fazenda, considerando seu irmão vingado.²⁹ DaMatta faz uma interessante análise estruturalista do conto de origem na versão de Câmara Cascudo, afirmando que “[...] o mito de Malasartes também pode ser tomado como o mito do trabalhador brasileiro, como a sua saga daquele que tem de estar sempre buscando algo que não possui; sempre —como eles mesmos dizem— em busca do trabalho e do ‘bom patrão’ que os ancore definitivamente na estrutura social”.³⁰

Como no mito de Pedro Malasartes, Lula costumava situar-se no trabalho e no sindicato em situações de humildade e de obediência às regras, levando-as ao limite, com resultados não aparentes, a seu favor. Como quando da aceitação de tarefas que resultavam em transformar posições de menos prestígio político (como o setor de assistência social previdenciária) e levá-las a sério com características de atendimento face a face de forma multiplicada, empenhando-se num suplemento de sociabilidade e de interações personalizadas que se transformaram em capital político a mais longo prazo. Por outro lado, nas relações verticais, French mostra como nas interações de Lula com autoridades governamentais, industriais, delegados de polícia e oficiais superiores do Exército, ele usava “uma mistura de experiência prática, habilidade e perícia” e “suas falas [com estes superiores] [...] se baseavam no pressuposto de que todos os lados agiam de boa fé”. [...] “Seu estilo era abrir o jogo reconhecendo o jogo entre as partes, o único caminho, ele acreditava, para o entendimento mútuo e uma acomodação de interesses”. [...] [Acreditando na inevitabilidade do conflito], “achava que tal conflito não precisava ser

29 Ver CASCUDO, Luiz da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**; para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 (1ª ed. Ed. Zahar, 1978). cap. V.

30 Ver DAMATTA, op. cit., p. 282. O conto está acessível (parte I) em <https://www.contacausos.com.br/post/seis-aventuras-de-pedro-malazarte>. Acessado em: 13 out. 2023.

irreconciliável”, desde que fosse enquadrado num objetivo superior de reconhecimento comum entre as partes.

O “ápice da astúcia de Lula” é exemplificado por French com o episódio, a partir da sua iniciativa, durante a irrupção das greves de maio de 1978, de se apresentar abertamente ao comandante do II Exército para defender as greves e sair fortalecido em plena “toca do lobo”.³¹

As greves irromperam nas fábricas (como na Scania) e fizeram rastilho de pólvora por empresas desde São Bernardo em direção a outras partes da Grande São Paulo, sem a supervisão dos sindicatos.³² Apesar das greves pontuais de Contagem e Osasco em 1968, logo reprimidas, e de inúmeras paralizações por seções, rápidas e mal conhecidas, nunca até então durante a ditadura houve uma ocorrência de greves por empresas surgidas como que de forma espontânea.³³ Foi o início de um ciclo de greves que nos anos seguintes tomariam uma enormidade de categorias profissionais em todo o país. Ao contrário do clima de medo resultante das prisões e torturas da repressão sobre os militantes do PCB, em 1975, e que atingiram seu irmão, então vice-presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Caetano — um dos dois mil indivíduos levados por operações contra aquele partido clandestino ao DOI-CODI naquele ano, e entre os quais também estava o economista da seção do Dieese no sindicato de São Bernardo contratado por Lula, Osvaldo Cavignato — em 1978 uma maior mobilização estava em curso desde o ano anterior com a campanha por reposição salarial que se desencadeara após a revelação pública do roubo da ditadura na confecção dos índices de inflação que entravam nos cálculos da fórmula que determinava o aumento salarial anual. Também em 1977, quando os empresários realizaram uma assim chamada Conferência Nacional das Classes Produtoras (que já era a 4ª, mas que nesse ano chamou mais a atenção pelo apoio que teve do Ministério do Trabalho), os trabalhadores sindicalistas logo começaram a pensar numa inédita Conferência Nacional da Classe

31 “O melhor exemplo do ápice da astúcia de Lula pode ser visto em seu encontro com o general Dilermando Monteiro, o comandante do Segundo Exército em São Paulo, durante as greves de maio de 1978. Lula decidiu solicitar uma audiência depois de ficar sabendo que Monteiro tinha se encontrado com o industrial Luís Eulálio Bueno Vidigal, enquanto outros sindicalistas imaginavam o pior cenário: o Exército ‘vai acabar com essa greve’ [...]. Lula, sem se intimidar, pediu uma chance para explicar o lado dos trabalhadores. Depois de uma conversa de três horas, o general encorajadoramente descreveu as greves para o público como ‘greve sem violência, sem agitação’, ou ‘ingerências externas’, uma que não representava ‘nenhum problema de segurança nacional’. Monteiro descartou assim a possibilidade de intervir nessa disputa operária legítima, acrescentando que era ‘preciso confiar no espírito dessa gente’.” (FRENCH, op. cit., 2022, p. 437-438).

32 Na recepção deste “rastilho de pólvora” das greves de 1978 em São Paulo estavam a postos os sindicalistas do movimento da oposição sindical metalúrgica, que compartilhavam do mesmo espaço social em que se colocava a *intelligentsia* dos operários qualificados (referida por French à p. 31), em fábricas de São Paulo e do ABC, e que já se haviam agrupado há anos por detrás da sigla MOMSP na área de enquadramento sindical do município de São Paulo, sem composição com as direções sindicais do sindicato de São Paulo, e que aparecem pouco como posição no espectro político-sindical no livro, que se concentra no ABC (para uma análise do MOMSP no espectro dos movimentos sociais dos anos 70/80, ver SADER, op. cit., 1988, p. 225-261).

33 Para uma análise do percurso do “rastilho de pólvora” das greves de 1978, inaugurando um ciclo de greves, ver PEREIRA NETO, Murilo Leal. As greves metalúrgicas de 1978 e 1979 em São Paulo, Osasco e Guarulhos no ciclo nacional. In: LEITE LOPES, J.S.; HEREDIA, Beatriz (org.). **Movimentos cruzados, histórias específicas**: estudo comparativo das práticas sindicais e de greves entre metalúrgicos e canavieiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019, p. 81-123. <https://movov.org/site/livros-e-textos/movimentos-cruzados-historias-especificas-estudo-comparativo-das-praticas-sindicais-e-de-greves-entre-metalurgicos-e-canavieiros>.

Trabalhadora (que afinal só se realizou em 1981). Da mesma forma reativa pública em relação ao lugar privilegiado ocupado pelos empresários, ao notar que o comandante do 2º Exército havia recebido e conversado em 1978 com o empresário Bueno Vidigal, Lula logo se deu legitimidade e oportunidade política ao se apresentar para uma conversa com a autoridade regional transversal de fato da ditadura (por seu poder repressivo), no sentido de poder explicar cara a cara as reivindicações dos trabalhadores em greve.

É interessante que se diga — de forma comparativa ao que se passava na Grande São Paulo, área de chegada dos trabalhadores de origem rural detectados pelos pioneiros da sociologia do trabalho da USP — que na região mesmo de onde partiu a família de Lula em meados dos anos 50 para Santos e São Paulo, as transformações em termos das lutas iniciais por direitos sociais se fizeram notar naqueles mesmos anos, através das Ligas Camponesas, e com maior intensidade a partir da aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963, 20 anos depois da CLT. O atraso relativo na sindicalização dos trabalhadores rurais deu um salto nos anos pré-64 de tal forma que a repressão no imediato pós-golpe foi de grande intensidade na área, o que contribuiu para que o Nordeste tivesse o maior número de sindicatos sob intervenção no país.³⁴ No entanto, a força da busca por direitos já desencadeada fez com que as intervenções nos sindicatos fossem relativamente abreviadas e a construção da esfera pública representada por tais entidades tivesse seu processo continuado. A transmissão de poder entre os diretores efetivos dos sindicatos de trabalhadores rurais de Pernambuco do pré-64 (alguns mortos, muitos presos, muitos em situação de exílio interno, com maior incidência entre aqueles ligados às Ligas, ou ao PCB, e menos aos de origem católica), para os suplentes, sobretudo na Fetape, consegue se efetuar após dois anos e meio de intervenções, quando se inicia uma fase de (re)construção sindical.

A Fetape se reconstruiu, já a partir de 1966, com uma diretoria combativa e contribuiu, com mais cinco federações estaduais (em um total de 11 naquele momento no país) a reconquistar a Contag em 1968. Enquanto o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo fazia seu 1º Congresso em 1974, no ano anterior, em 1973, a Contag organizava em escala nacional seu 2º Congresso, seis anos antes de seu famoso 3º Congresso em 1979, quando foram incentivadas as formas de ação direta de massas, como as greves de assalariados rurais e os protestos de pequenos produtores de agricultura familiar pelas perdas de terras em virtude da implantação de barragens. Tais recomendações foram já influenciadas pelas greves dos metalúrgicos de São Bernardo de 1978 e 1979. (No congresso foram projetadas versões preliminares do filme “ABC da Greve” de Leon Hirzman, com cenas da greve de 1979, filmadas em São Bernardo poucos meses antes, para a plateia entusiasta de mais de três mil delegados sindicais representando os STR de todo o país).

34 A saber, 322 sindicatos, 42,32 % do total; superando o Sudeste (302 sindicatos, 39,55% do total). Os estados que apresentaram o maior número de intervenções sindicais foram Pernambuco, com 23,25 % do total (176 sindicatos, entre os quais os 30 sindicatos de trabalhadores rurais em curso de reconhecimento pelo Ministério do Trabalho), seguido por São Paulo com 23 %, (174 sindicatos). Dados em MARTINS, Heloísa H. T. Souza. **O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1979. 191 p.

Isto para confirmar o padrão de astúcia que vai sendo necessário, conforme demonstra French, para a atuação nas condições de forte (e violenta) dominação patronal agravadas durante a ditadura militar. A retomada e ampliação da construção sindical no caso rural implica mais ainda em uma importante dose de astúcias cotidianas embutidas na atuação sindical, onde se destacam a progressiva utilização de ações trabalhistas plúrimas, que inundaram a Justiça do Trabalho: as ações baseadas na Lei dos 2 Hectares (que estabelecia a entrega de pedaços de terra na propriedade agroindustrial açucareira para uso dos trabalhadores com roças familiares de subsistência); a utilização de programas oficiais, ou de igrejas, de alfabetização e saúde e a feitura de programas radiofônicos para audição em horários comprados de estações municipais; uso da oferta de financiamentos internacionais destinados ao “sindicalismo livre” no imediato pós-64 para a construção de subsedes em cidades do interior do estado no anos pós-64, e que foram usadas para um trabalho importante de formação sindical nos anos seguintes.

Nas entrevistas que realizamos com ex-dirigentes sindicais e ativistas em projeto de pesquisa de anos recentes, os relatos de louvação da autoesperteza malasartiana, entre os anos 60 e 70, foram frequentes (ver o filme *Memórias Camponesas* em https://www.youtube.com/watch?v=6WxjuD4II_c). O registro de relato semelhante pela historiadora da UFPE Maria do Socorro de Abreu e Lima ilustra bem esse ponto: “[...] se era uma discussão sobre saúde e falava-se de verminose, quando se desconfiava da presença de algum ‘penetra’, o assunto era tratado do ponto de vista da higiene e da saúde; se o clima era mais tranquilo e as pessoas eram conhecidas, era possível aprofundar a discussão sobre quem eram os ‘vermes’ do momento: o governo, a ditadura etc. Esse era o trabalho possível levado para as bases do movimento”.³⁵ Alguns anos depois, em 1979, a Fetape usou a astúcia de conseguir cumprir com os quase impossíveis procedimentos da lei de greve (Lei 4.330, de 1 de julho de 1964), com a arregimentação de mais de 2/3 dos trabalhadores em municípios da área canavieira para votarem em urnas pela aprovação da greve — o objetivo sendo uma proteção maior à costumeira violência patronal e da polícia, excitada pelo ineditismo dos acontecimentos de desobediência.

Em comparação à interação havida entre Lula e o comandante do 2º Exército em 1978, em 1972 um episódio de astúcia por parte do presidente da Fetape diante das autoridades militares e civis do aparato civil-militar, que cerceavam de perto as ações sindicais, mostrava que o desfecho, naquela conjuntura mais repressiva, era outro, quando não havia então a possibilidade de mobilização popular como quando da conversa de Lula com a “autoridade máxima” de fato seis anos depois. No entanto, estava presente o uso da esperteza como instrumento interiorizado no repertório dos trabalhadores contra os

35 LIMA, Maria do Socorro de Abreu e. **Construindo o sindicalismo rural**. Lutas, partidos, projetos. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012. 269 p.

poderosos, e que se refletia num processo de construção sindical crescente, então mal conhecido, de dimensão nacional.

No início dos anos 70, Euclides do Nascimento, presidente da Fetape, foi chamado pelo comandante do IV Exército para desfazer as ações impetradas na Justiça contra a Usina Salgado, no município de Ipojuca, em nome da Lei dos 2 Hectares, nesse caso contra o corte e a remoção de trabalhadores que faziam roçados de subsistência em terras antes concedidas pelas usinas açucareiras. Diante da recusa em aceitar tal ingerência do comandante militar e da discussão acalorada que se seguiu, foi formado um processo administrativo na DRT para o enquadramento do presidente da Fetape na Lei de Segurança Nacional. Numa comissão formada para ouvir o acusado, que incluía o ministro do Trabalho, Euclides alegou ser um homem do campo, um caboclo de Nazaré da Mata, e que estava aprendendo a etiqueta com os homens que tiveram estudo. “Quando o comandante meteu o dedo na minha cara eu achei que era um gesto de educação e fiz o mesmo com ele”. A tirada diante do ministro acabou por livrá-lo do enquadramento na LSN. No entanto, esse processo administrativo foi alegado alguns meses depois pelo delegado regional do trabalho para cassar sua elegibilidade como dirigente sindical quando Euclides postulou a reeleição na Federação.³⁶

Se a astúcia vai se construindo na trajetória de Lula como uma característica admirada, ela é associada a uma coragem não menos presente. Frei Chico atribuiu o sucesso de Lula ao fato de estar presente “no momento político certo e na coragem dele”.³⁷ De fato, neste momento o próprio termo *peões* passa de sua faceta pejorativa para uma auto apropriação positiva de coragem no enfrentamento das difíceis formas de dominação que encontram por onde forem buscar trabalho — e apropriado inclusive pelos mais valorizados operários qualificados tais como os ferramenteiros. No capítulo 13, “O despertar dos peões”, há uma importante análise dos significados e ambivalências do termo.³⁸ Havia assim uma base operária já formada para receber, reconhecer e se fazer representada nos atos de coragem de suas lideranças. O que vai ganhar uma análise suplementar no capítulo seguinte onde o autor se utiliza do mote durkheimiano de *efervescência coletiva* quando volta à explicação do processo de construção do grupo operário naqueles anos.

Na análise de French, além da coragem que se apresenta na conjuntura menos desfavorável, acrescenta-se a “alta astúcia”, tal como ele a define: “uma mistura de experiência prática, habilidade e perícia [...] — uma forma de inteligência, aprendizagem e até de mágica aplicada à lida com os superiores.” (p. 433). Essa combinação de astúcia

36 LEITE LOPES, J. S.; HEREDIA, Beatriz (org.). **Movimentos cruzados, histórias específicas**: estudo comparativo das práticas sindicais e de greves entre metalúrgicos e canavieiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019. Disponível em: <https://memov.org/site/livros-e-textos/movimentos-cruzados-historias-especificas-estudo-comparativo-das-praticas-sindicais-e-de-greves-entre-metalurgicos-e-canavieiros>. (ver: LEITE LOPES; HEREDIA (org.), 2019, p. 31, nota 23).

37 PARANÁ, op. cit., p. 167 e 189.

38 Onde o autor vai recuperar as pesquisas de Luiz Flávio Rainho e Celso Frederico.

e coragem, posta à prova em sucessivos episódios que vão se apresentando em sequência e se concentrando em um indivíduo catalisador onde um grupo social nele se reconhece, leva a análise de French a se utilizar do termo técnico e sociológico de *carisma*, consagrado por Max Weber no capítulo 14, “O nascimento do carisma de Lula”. Não menos importante na análise da construção do grupo efetivamente mobilizado e do carisma de Lula é a introdução dos resultados concebidos por Pierre Bourdieu sobre a distinção entre as classes sociais teóricas, “no papel”, e as “classes reais”, que não prescindem do “trabalho político de formação de grupos” (p. 477-478). O carisma de Lula estaria ligado ao “fetichismo político” da delegação, onde o grupo se personificava, onde o grupo lhe concedia o direito de agir e falar por ele, como se o grupo se transformasse em forma de homem: ao falar em seu lugar, Lula faz os peões do ABC existirem politicamente (p. 481).

Aqui aparece com mais evidência o que está se passando no conjunto do livro que é uma teoria investida na construção dos fatos, que vai também colocando a análise em sucessivas provações empíricas. Daí a sabedoria do autor de colocar como epílogo sua discussão original com a bibliografia técnica sobre o estatuto teórico e metodológico das abordagens biográficas, fugindo assim da tentação intelectual comum de dar precedência e prioridade ao campo da disputa teórica isolada (ou do primeiro capítulo teórico das monografias, que pouco dialogam com a parte empírica subsequente). O caráter aberto do epílogo dá lugar à continuidade do debate, quando ele apresenta um recorte bibliográfico original de discussão e resolução (incluindo as importantes contribuições de Emília Viotti da Costa) num universo de outros recortes possíveis (podendo considerar, por exemplo, entre outros, *Mozart, sociologia de um gênio*, de Norbert Elias, *Guilherme, o Marechal*, de George Duby, o moleiro Menocchio de *O queijo e os vermes*, do micro-historiador Carlo Ginzburg, *Manet, une Revolution Symbolique*, de Pierre Bourdieu, *Worker in the Cane* de Sidney Mintz, este último abrindo caminho para a literatura de história oral com anônimos, como os discutidos, por exemplo, por Paul Thompson, Daniel Bertaux e Michael Pollak — que lidou com biografias de mulheres anônimas egressas de campos de concentração nazistas).

Quando da emissão da proposta por Lula da criação de um partido político dos trabalhadores ao término do monopólio dos dois partidos oficiais existentes, estabelecidos pelo governo militar — devido ao próprio crescimento do partido de oposição e à diversificação permitida pela liberalização do campo político com o fim da Lei de Segurança Nacional, a lei da anistia e a volta dos exilados — sua presença no espectro de forças da esquerda já é muito forte. Por ter se tornado referência no processo de criação de uma central sindical dos trabalhadores, não prevista na legislação trabalhista e, portanto, ilegal, Lula havia conseguido ser a própria encarnação da classe operária ativa sonhada pela esquerda. O processo de continuidade da construção do carisma de Lula, dadas as propriedades, ao mesmo tempo sociais e individuais, de gravitação em torno de sua pessoa, irá se refletir nas resultantes e resoluções de novos conflitos no interior do sindicalismo

nacional e depois no seio do PT, a favor de sua posição no centro de redes de grandezas sucessivas. No PT e na esquerda, Lula tem apoios decisivos da Igreja católica progressista, então enraizada por quase todo o país (e que lhe deu apoio decisivo quando das intervenções sindicais em 1979 e 1980), assim como da militância diversificada procedente de várias tendências das organizações de esquerda antes reprimidas, assim como dos exilados (externos e internos) que procuravam novas inserções em seu caminho de volta.

Dessa forma, por ter construído a gênese da trajetória política de Lula, através de seus *habitus* em sucessivos enquadramentos sociais de aprendizados — família de origem, migração rural/grande metrópole, qualificação escolar e profissional, configuração sindical — French pôde se dar como cumprida sua tarefa de desvendamento da matriz social que proporcionou a força posterior de Lula em provações decisivas — desde o mundo sindical, partidário, de campanhas eleitorais disputadas, mandatos presidenciais, prisões até a recente ressurreição no enfrentamento aos fenômenos de extrema-direitização do país e do mundo.³⁹ Essa ênfase dá outra qualidade à literatura de biografias (e as sobre Lula, em particular), ao escapar das armadilhas das ilusões biográficas e fazer uma análise densa e exemplar da trajetória social deste personagem central da história recente do Brasil.

Com primoroso trabalho de tradução e edição,⁴⁰ que privilegia a divulgação mais ampla, o livro faz avançar o conhecimento sobre a história social do Brasil desde os anos 1950, através da trajetória de um indivíduo peculiar e decisivo; e já é um marco na literatura sobre o estratégico momento representado pelos movimentos sociais em torno da classe trabalhadora brasileira, quando polarizada, no fim do século passado, pelo operariado da Grande São Paulo.

Recebido em: 19/11/2023

Aprovado em: 19/11/2023

39 Logo na segunda página da introdução do livro, French declara: “Eu pretendo, nesse livro, recuperar a toda essa rica e negligenciada história política e pessoal [dos primeiros 40 anos da vida de Lula] prestando bastante **atenção à primeira metade de sua vida**, que explica como Lula se tornou tão espetacularmente conhecido no Brasil e no mundo em 1979 como o carismático líder de greves massivas em meio a uma ditadura militar. São esses primeiros anos que permitem a compreensão de como Lula [...] aprendeu a atuar politicamente” (grifos meus, p. 28). Assim, dos 17 capítulos do livro, 14 tratam de sua trajetória até o topo do mundo sindical, e três de sua inserção partidária até os mandatos presidenciais.

40 Quanto a isto, pode-se detectar, nos longos e meticulosos agradecimentos do livro, respectivamente o trabalho de Lia Machado Fortes e Alexandre Fortes.